

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Aluísio Azevedo: chargista, jornalista e cronista

MARIA SHTINE VIANA

Doutoranda da Universidade Nova de Lisboa. Investigadora assistente do CHAM-UNL e membro do IELT-UNL

mariaviana8@uol.com.br

Resumo expandido: Aluísio Azevedo é indubitavelmente o maior representante do Naturalismo no Brasil. O escritor produziu sua obra no momento em que o país passava por grandes transformações. Dentre os diversos acontecimentos históricos ocorridos à época, podemos citar a Guerra do Paraguai (1870-1874); a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871); a Questão Religiosa (1874); a implementação da Lei do Sexagenário (1885); a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889), só para citar alguns.

Certa inconformidade com a ordem vigente e a necessária mudança de paradigmas políticos, econômicos e sociais, em certa medida, favoreceu o acolhimento das ideias positivistas por significativa parte da intelectualidade brasileira. Talvez justamente essa dicotomia, própria de uma sociedade tão conflitada, é que tenha permitido o surgimento do romance que é considerado pela crítica como a criação máxima do escritor maranhense: *O cortiço*. Obra pela qual é frequentemente lembrado. Entretanto, durante os 17 anos em que se dedicou à literatura, Aluísio Azevedo escreveu 12 romances, uma novela policial, várias peças de teatro, duas antologias de contos, publicou artigos e crônicas e fundou alguns periódicos. Além disso, criou charges para vários jornais e revistas da época e cartazes publicitários para peças de teatro.

Por meio desta apresentação, abordar-se-á essa faceta pouco conhecida do escritor Aluísio Azevedo: sua produção em vários periódicos, com destaque para o trabalho como chargista, jornalista e cronista. Tangenciarei também sua atuação política como republicano e antiescravagista e seu envolvimento em polêmicas sobre a recepção da obra *As farpas*, assinada por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão.

As charges, traçadas durante sua primeira estada no Rio de Janeiro, demonstram não só seu engajamento na campanha republicana e anticlerical, mas também suas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ideias a respeito da criação de uma literatura que retratasse a realidade brasileira da época. Ver-se-á, portanto, que além de profícuo escritor, Aluísio Azevedo teve expressiva atuação como jornalista empenhado nas questões estéticas, políticas e sociais de seu tempo.

Palavras-chave: Aluísio Azevedo, charge, jornalismo literário,

Aluísio Azevedo chargista

Nascido em São Luís do Maranhão, em abril de 1857, Aluísio Azevedo, aos 19 anos, desembarca no Rio de Janeiro, onde inicialmente permanecerá de 1876 a 1878. Entretanto, já carregava consigo o relativo sucesso obtido com a publicação de *Uma lágrima de mulher*¹, editado em 1879.

Ainda não foi encontrado nenhum artigo que confirme sua colaboração na imprensa maranhense antes de sua primeira estada no Rio de Janeiro, mas acredita-se que Aluísio tenha participado dos encontros de jovens positivistas, como Celso Magalhães e Manuel Bithencourt, que publicavam artigos nos jornais *O Seminário* e *O Domingo*, este último dirigido por seu irmão Artur Azevedo. O grande alvo dos textos publicados por esses jovens maranhenses era combater o obscurantismo provocado pela Igreja, que impedia o avanço de ideias progressistas. Pode ser que o futuro autor de *Coruja* tenha participado desse grupo entre os 15 e 18 anos, pois só assim se entende a coerência e o conhecimento de causa por ocasião de sua participação no movimento anticlerical e antimonarquista, logo que desembarcou no Rio de Janeiro.

Certo é que, até a publicação de *O Mulato*, em 1881, Aluísio não tinha aspirações de tornar-se romancista. Seu desejo era estudar pintura em Roma, mas não obteve o consentimento do pai, que talvez não pudesse custear essa viagem. Continuou a pintar quadros e chegou a dedicar-se a retratar defuntos, além de trabalhar como professor particular, para conseguir o dinheiro necessário e mudar-se para o Rio de Janeiro.

Ao chegar na capital federal, matricula-se na Imperial Academia de Belas Artes e trabalha como chargista em importantes periódicos da época. As charges e as

¹ Segundo Jean-Yves Mérian, nesse período Aluísio escreveu também um livro de memórias, ainda inédito, cujo original incompleto pôde folhear nos arquivos de Pastor Azevedo Luquez, em Buenos Aires. Ver MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo vida e obra* (1857-1913): O verdadeiro Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988, p. 88.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

caricaturas foram amplamente usadas como forma de denunciar os problemas sociais e políticos do Brasil ao longo do Segundo Império e continuaram a sê-lo depois da Proclamação da República. Ângelo Agostini, Rafael Bordalo e Henrique Fleiuss, só para citar alguns, estavam entre os grandes nomes da charge naquela época e Aluísio juntou-se a eles, divulgando seus desenhos em publicações como *O Fígaro*, *O Mequetrefe* e na revista *A Comédia Popular* – nesta última, também assinava crônicas, sob o pseudônimo de Lambertini.

Em muitas das charges criadas pelo escritor neste período pode-se constatar a crítica ferrenha à Monarquia, à Igreja e aos partidos conservadores e em prol da República. Em algumas charges é explícita também a influência do positivismo, como é o caso da intitulada *Visão do século XX*, uma espécie de alegoria do Juízo Final, publicada em *O Mequetrefe*, em que se vê Augusto Comte combatendo membros do clero.²



Nessa outra, vê-se claramente a percepção aguçada que Aluísio Azevedo tinha dos problemas que acometiam o Brasil. Três momentos distintos da nação são representados. No primeiro, sob o título “Idade de Ouro”, com a data de 1500, vê-se um indígena e lê-se: “A liberdade é a vida”. Na imagem à direita, intitulada “Idade de

² Charge reproduzida em MENEZES, Raimundo de. *Aluísio Azevedo, uma vida de romance*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958, s/n.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Bronze”, datada de 1822, o chargista ilustra D. Pedro I, montado em seu cavalo, como geralmente é representado no dia da Proclamação da Independência, mas pisoteando o povo, acorrentado, com os bolsos vazios, e a legenda: “A independência é uma mentira.” No centro da charge, sob a data 1877, lê-se “Idade da Folha de Flandres”, e vê-se um homem, corrompido pela política (representada por uma mulher luxuriosa) e a igreja (representada por um padre), como síntese daquele momento histórico têm-se: “A civilização do Brasil é o vício”.



Aluisio Azevedo, “O Mequetrefe”, n.º 94, Rio de Janeiro, 19.3.1877.

“As Três Idades do Brasil”.

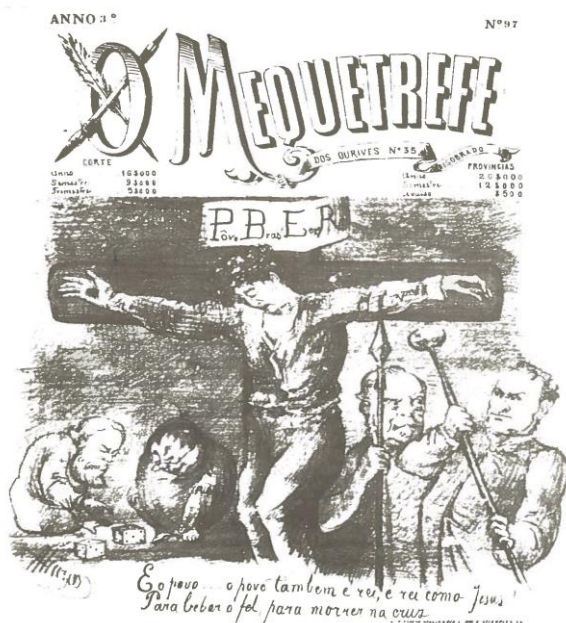
Muito frequentemente, Aluíso ataca diretamente o imperador, por exemplo, na charge intitulada *Um sonho oriental*.



Aluisio Azevedo, “O Mequetrefe”, n.º 94, Rio de Janeiro, 19.3.1877.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No primeiro plano, vê-se o imperador fumando um narguilé, enquanto da fumaça expelida saem imagens da vida política e econômica do Brasil (anarquia na Câmara, escândalos financeiros, o uso indevido do poder pela Igreja, a dependência das relações exteriores). Representada à esquerda, em tamanho menor, há uma mulher aos prantos, provavelmente simbolizando a pátria.



Nesta charge, lê-se “E o povo... o povo também é rei, é rei como Jesus! Para beber o fel, para morrer na cruz.” Nessa alegoria da crucificação, Jesus é representado por um brasileiro. Fantasiado de guarda romano, vê-se o então general Caxias, com uma lança na mão. Ao fundo, o imperador D. Pedro II joga dados com um bispo, alheio ao sofrimento do povo.³

Aluísio Azevedo atacava o clero também por meio de poemas, conforme pode ser constatado nos versos seguintes:

Decepção

Chorosa a treva expira e rindo o dia alveja,
Fecharam-se os bordéis, abriram-se conventos;
Lá vem cambaleando um desses monumentos,
Sacerdotes fiéis da Santa Madre Igreja.

³ Charge “Povo brasileiro é o rei”, publicada em *O Mequetrefe*, n. 97. Rio de Janeiro, 10/04/1877. In: MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo vida e obra (1857-1913): O verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988, p. 108.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Enfurecida grei de velhos rabugentos,
No sacro atelier, há muito que o almeja:
Resmungando aqui um, dali outro pragueja
– Que venha um padre já! Com todos os trezentos!...

Espalha-se rumor!... psiu!... guincha um velhote;
Se acotovela o povo... e passa o sacerdote
Mal se podendo ter no vacilante andar.

Até que enfim chegou e vagarosamente
Começa, beija o chão... embalde espera a gente
Há muito ressonava o bruto no altar. (MENEZES, 1958, p. 6)

A querela entre românticos e realistas

Durante os dois anos e meio em que viveu no Rio de Janeiro, Aluísio Azevedo, além de fazer parte do quadro de chargistas de então, participou de um círculo de intelectuais, artistas e políticos que marcaram a vida cultural e política do país no último quartel do XIX. Desse grupo faziam parte Teixeira Mendes, fundador da primeira igreja positivista do Brasil; Lopes Trovão, futuro deputado republicano; e o abolicionista José do Patrocínio.

Lopes Trovão e José do Patrocínio, assim como Aluísio Azevedo, foram colaboradores do jornal *Gazetinha*, fundado, em 1880, por Artur Azevedo. Mas a amizade dos irmãos Azevedo com esses e outros expoentes da política vinha desde 1877, quando Artur assumiu a direção da *Revista do Rio de Janeiro*. (cf. SODRE, 1983, p. 246).

É provável que o convívio com essas pessoas tenha contribuído para fortalecer suas convicções abolicionistas e republicanas. Ideias estas que, como vimos, já estavam presentes em muitas das charges produzidas pelo artista e serão defendidas em romances escritos posteriormente, como *O Mulato*, *O Coruja* e *O cortiço*.

Todavia, Aluísio Azevedo não era o único escritor do Norte e do Nordeste que naquele momento encontrava-se na então capital do país e contribuía com suas imagens e palavras para exigir mudanças, tanto no âmbito político como no literário. Nos últimos anos do decênio de 1870, estavam no Rio de Janeiro alguns escritores e intelectuais integrantes da conhecida “Escola do Recife”, como Franklin Távora, Tobias Barreto,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sílvio Romero,⁴ que foram muito influenciados pela polêmica provocada pela publicação da obra *As farpas*, de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós.

Cabe dizer que *As Farpas* foram crônicas publicadas mensalmente a partir de maio de 1871, no mesmo ano da realização das Conferências do Cassino, por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Em novembro de 1872, Eça abandona a publicação para seguir carreira diplomática, deixando a tarefa para Ramalho Ortigão, que prossegue com as publicações até 1882. Altamente críticos e irônicos, esses artigos satirizavam questões de ordem política, econômica, cultural e social de Portugal da Regeneração. Os dois amigos tinham como objetivo [...] “usar o humor como forma de destruir o que consideravam instituições caducas, embora Eça tivesse desde sempre albergado reticências quanto ao pendor didático que o amigo desejava conferir à publicação.” (Mónica, 2004, p. 3).

Também residiam na então capital do Brasil, nesse momento de grande efervescência da chamada “geração de 1870”, alguns ex-integrantes da “Academia Francesa de Fortaleza”. Academia Francesa foi nome dado a uma comunidade informal criada, entre 1872-1878, em Fortaleza, por intelectuais como Rocha Lima, o historiador Capistrano de Abreu, o crítico literário Araripe Júnior, dentre outros. Nas reuniões do grupo, que geralmente ocorriam na residência dos membros, discutiam-se temas como filosofia, ciência, problemas sociais, liberdade religiosa e instrução pública. Segundo Afrânio Coutinho, trata-se de “[...] agremiação intelectual que teve grande papel na divulgação das ideias características do final do século”. (1997, p. 28)

Como exemplo do teor das discussões desse período, cabe citar Franklin Távora, que, em 1872, publicara uma série de artigos no *Jornal de Recife*, por meio dos quais questionava os conceitos literários de José de Alencar.⁵ Mas suas críticas não ficaram restritas ao âmbito da imprensa; seus romances, *O matuto* (1876) e *O cabeleira* (1878), também foram utilizados como tribuna para discutir suas teorias sobre o que ele

⁴ Segundo Antonio Candido, “Sílvio Romero foi, a falarmos com rigor, o primeiro grande crítico e fundador da crítica no Brasil. Protagonista do movimento do Recife – um dos focos do grande movimento renovador da mentalidade brasileira na segunda metade do século XIX”. In: *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988. p. 9.

⁵ Ficou célebre a intensa campanha desfechada por Franklin Távora contra o romancista José de Alencar. Por meio de uma série de artigos em forma de cartas, usando o pseudônimo Simprônio, Franklin Távora criticou, sobretudo, os romances *O gaúcho* e *Iracema*, apontando a incorreção de linguagem e censurando Alencar por não conhecer o cenário geográfico de seus romances.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

chamava de “romance histórico”, conforme pode ser constatado em trechos de cartamanifesto dirigida ao leitor, apresentada na abertura de *O cabeleira*:

Em *O Cabeleira* ofereço-te um tímido ensaio do romance histórico, segundo entendo este gênero da literatura. [...] As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra.

A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está o Sul de dia em dia pelo estrangeiro. (1973. [s/p])

Leitor de Eça de Queirós, Aluísio Azevedo participou da querela entre românticos e realistas, em que estiveram envolvidos grandes escritores e críticos do período, como Ramalho Ortigão e Machado de Assis.

Sobre as acaloradas discussões em torno dessa questão, transcrevemos elucidativo trecho de Araripe Júnior para ilustrar a sua proporção:

– Ainda tenho presente a sensação que me causou, não o *Primo Basílio*, pois que, já em 1874, eu, então residente na província do Ceará, lera o *Crime do Padre Amaro* na *Revista Ocidental*, mas a febre de que estavam possuídos, em vista daquele livro, alguns rapazes, com particularidade José do Patrocínio, que escrevia o *Mota Coqueiro* na *Gazeta de Notícias*. Era no café Londres, e, pela primeira vez, me apresentavam ao escritor que fazia as suas primeiras armas. Em seguida a uma ligeira conversação, passou-se à questão do dia. – Mas qual a questão? Inquiri eu, com alguma timidez, porque, devido a circunstâncias particulares de deslocação de meio, andava à gaita em matéria de letras.

– Qual a questão?

– *O Primo Basílio!* Eça de Queirós. Uma revolução! O diabo! O realismo! Românticos *enfocés!* [...]

Os interlocutores me pareceram inebriados. Nós somos todos assim... E então os projetos choveram. O Realismo no Brasil havia de ser descascado com uma ferocidade que assombraria ao próprio Eça de Queirós. (1958, p. 75)

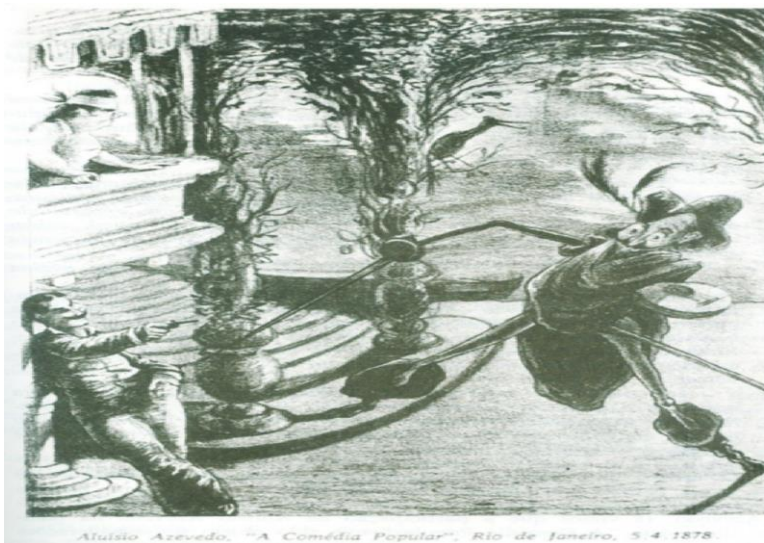
A querela tem início em 1878, quando Ramalho Ortigão começa a assinar a seção intitulada “Cartas Portuguesas”, na *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*. A primeira delas trata justamente da publicação da obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. Pelo que pudemos constatar nas impressões registradas por Araripe Júnior, Ramalho Ortigão era um crítico bastante lido e respeitado à época e sua opinião sobre a obra de Eça de Queirós pode ter influenciado os jovens escritores e jornalistas brasileiros.

Logo depois da publicação dessa carta, o livro de Eça foi colocado à venda nas livrarias do Rio de Janeiro e Machado de Assis, sob o pseudônimo de Elieser, escreve contundente crítica ao romance. Tem início então uma verdadeira disputa entre “antigos e modernos”, da qual Aluísio Azevedo participou com a charge *Romantismo e*

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Realismo: luta aberta, tomando partido do grupo realista. O trecho seguinte, retirado de texto publicado por Eça de Queirós em as *Farpas*, alguns anos antes, certamente comprova a influência do escritor português nessa criação aluisiana.

A poesia fala-nos de mulheres que são ainda Julieta, Virginia, Elvira, novas belas, interessantes criaturas no tempo em que Shakespeare se ajoelhava aos pés delas, em que Bernardin de Saint-Pierre lhes oferecia rapé da sua caixa de esmalte circundada de pérolas, em que Lamartine, embuçado na capa romântica de 1830, as passeava em gôndolas nos lagos da Itália. Hoje são um ideal arqueológico, são um objecto de museu.⁶



Nessa charge,⁷ vê-se um balcão de onde Elvira, de olhos vendados, simbolizando a poesia, assiste a um embate entre D. Juan, de espada na mão, representante do Romantismo, e Basílio, representando o Naturalismo, empunhando um revólver inofensivo, usado para empoar o rosto de pó-de-arroz.

Podemos afirmar, portanto, que Aluísio Azevedo, já na sua primeira estada no Rio de Janeiro, não só teve contato com a obra de Eça de Queirós, como leu as ideias de Ramalho Ortigão, publicadas no Brasil, diferentemente do que afirma Raimundo de Menezes, ao dizer que Aluísio Azevedo só veio a conhecer a obra de Eça quando da sua volta para São Luís.⁸

⁶ Texto assinado por Eça de Queirós como sendo escrito em Maio de 1871, publicado no primeiro fascículo de *As farpas*, em 17 de junho de 1871.

⁷ Charge publicada em *A comédia popular*. Rio de Janeiro, 5/04/1878. In: MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo vida e obra* (1857-1913): O verdadeiro Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988, p. 135.

⁸ Ao escrever sobre a influência de Celso Magalhães na formação de Aluísio Azevedo, quando o escritor retorna para São Luís e começa a produzir *O Mulato*, Raimundo Magalhães afirma: “Seu autor pensa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Não há indicações concretas de que, na época dessa polêmica em torno da disputa estética entre românticos e realistas, Aluísio Azevedo tenha tido contato com a obra de Émile Zola. Todavia, sabe-se que o escritor maranhense lia francês e que seu pai mantinha no Gabinete de Leitura obras de indiscutível qualidade literária. Não teria ali conhecimento da obra do grande expoente do Naturalismo? Fato que comprovaria o interesse de Aluísio pela leitura de autores franceses realistas no período é confirmado por Mérian, que nos informa que *Un coeur simple*⁹ foi publicado, em 1880, em forma de folhetim no *Pacotilha*, – periódico que contou com a participação de Aluísio Azevedo –, ou seja, bem pouco depois da querela entre românticos e realistas.

Portanto, a influência de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão nos anos formativos do escritor é inegável, tanto em sua primeira estada no Rio de Janeiro, como em sua produção posterior como jornalista e romancista.

Como visto até aqui, tudo indica que a situação de Aluísio Azevedo como chargista e cronista corria bem na então capital do Brasil, mas a morte repentina do pai obriga-o a voltar para o Maranhão.

A atuação como jornalista em São Luís do Maranhão

Ao retornar à terra natal, Aluísio constata que ocorreram algumas mudanças durante os quase três anos em que esteve fora de São Luís: a Biblioteca Popular fora fechada¹⁰ por falta de verba e o Gabinete Português de Leitura estava à beira da falência, embora contasse com cerca de 8.000 exemplares. Além disso, apenas três jornais disputavam a preferência do público:

Publicador Maranhense, fundado em 1841 e dirigido pelo major Inácio José Ferreira; *O País*, lançado em 1860 por Temístocles Aranha; e o *Diário do Maranhão*, publicado desde 1873 por José Maria Correia de Frias. Estes dois últimos eram, de longe, os mais importantes pela tiragem (em torno de

agora na composição de outro romance, bem diferente do primeiro [refere-se a *Uma lágrima de mulher*] através de Celso Magalhães trava conhecimento com Eça de Queiroz. Lê e aprecia ‘O Primo Basílio’, cheio de cenas escabrosíssimas. Devora de um jato ‘O Crime do Padre Amaro’”. In: MENEZES, Raimundo de. *Aluísio Azevedo, uma vida de romance*, São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958, p. 84.

⁹ Trata-se de novela de “Um coração simples”, de Gustav Flaubert, publicado na obra *Três contos* (1877), do qual fazem parte também “Herodiade” e a “Lenda de São Julião”.

¹⁰ A Biblioteca Popular, fundada em 1872, com apoio da população local, chegou a possuir 4.000 volumes à época e foi forçada a suspender as atividades em 1875. Só foi reaberta em 1892. Em 1958, foi denominada Biblioteca Pública “Benedito Leite”. Cf. MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo vida e obra (1857-1913): O verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988, p. 73.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2.000 exemplares), pelos temas abordados e pela qualidade dos colaboradores. (Mérián, 1988, p. 146)¹¹

No entanto, entre 1878 e 1881, cinco outras publicações surgiram: *O Futuro*, criado por Manuel Bithencourt para defender suas ideias positivistas; *A Flecha*, lançado por Aluísio Azevedo e João Afonso do Nascimento, em março de 1879, e que circulou até outubro de 1880; *O Pensador*, sob direção de jovens progressistas, entre eles Aluísio Azevedo; e *Pacotilha*, também criado e dirigido pelo escritor e o futuro seu cunhado, Vitor Lobato. Essas publicações formavam uma espécie de plataforma para combater a escravidão e lutar a favor da Proclamação da República.

Para defender os interesses católicos e, principalmente, fazer oposição às ideias postuladas por integrantes das outras publicações, membros da diocese inauguraram o semanário *Civilização*.

A participação de Aluísio Azevedo na imprensa local no período foi intensa, sobretudo no periódico *Pacotilha*, que chegou a publicar 300 exemplares por dia. Seus textos desse período denunciam a hipocrisia da sociedade de São Luís do Maranhão, bastante conservadora à época. As disputas constantes entre os jovens positivistas e a Igreja tornavam-se cada vez mais acirradas. Aluísio Azevedo, que inicialmente assinava sob pseudônimo, passou a assumir a autoria das crônicas e matérias que escrevia. Como cronista, Aluísio Azevedo assumiu um papel de primeira linha também em *O Pensador*. No plano do estilo, suas crônicas possuíam muitos pontos em comum com *Farpas* de Ramalho Ortigão e *Eça de Queirós*. O combate anticlerical representava uma parte importante de cada crônica. Nas quais estigmatizava o obscurantismo da Igreja, a ignorância, o dogmatismo e o fanatismo dos padres.

Todavia, não demorou muito para que Aluísio Azevedo e seus amigos comesçassem a ser vítimas de várias perseguições. Chegou mesmo a ser instaurado um processo contra os idealizadores do jornal *O Pensador*. E a situação ficou ainda mais acirrada depois da publicação de *O mulato* (1881). Obra em que o escritor não apenas faz críticas severas à Igreja e ataca os horrores da escravidão, como também retrata pessoas de seu convívio: padres, alcoviteiras, comerciantes, políticos se veem

¹¹ Idem, p. 146.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

explicitamente retratados, o que aumenta ainda mais os ataques contra ele. Sobre esse romance, escreve à época o historiador Capistrano de Abreu:

[...] *O Mulato* não é um romance positivista, não se pode rigorosamente dizer que seja abolicionista. Muitas vezes se trata nele de escravidão – aqui mostrando a barbaria dos senhores, ali apontando a corrupção inoculada na família pelas vítimas algozes; além formulando argumentos contra este cancro social. [...] Apesar disto, repetimos, o romance não é abolicionista: tudo quanto se refere à escravidão é antes uma das paisagens que se debruçam à beira do caminho, do que objeto essencial da jornada. O que o romance é essencialmente é um romance realista que, como tentativa, é muito notável. Nas primeiras páginas o autor inspira-se evidentemente no estilo de Zola, Eça de Queirós e, Deus lhe perdoe!, de Euzébio Macário;¹² mas em breve se emancipa, e os períodos saem-lhe fluentes. Ágeis, abundantes, a latejarem vida como um formigueiro. (1976, p. 260)

Durante o período em que voltou a morar em São Luís do Maranhão, além de sua intensa participação na imprensa e da criação da obra *O mulato*, Aluísio Azevedo também contribuiu ativamente para a produção teatral da cidade. Muitos de seus artigos publicados na época são em favor dessa manifestação artística.

Na companhia de amigos como Vítor Leal e Euclides Faria, o escritor chegou a planejar a construção de um teatro novo, onde só seriam representadas obras realistas, mas o projeto não saiu do papel.

Apesar da intensa participação na imprensa maranhense, as críticas constantes publicadas pelos clérigos no jornal *Civilização* e a boa recepção de *O mulato* no Rio de Janeiro contribuíram para que o jovem escritor decidisse pela mudança definitiva para a capital do Brasil. Já está a viver nessa cidade quando se publica no periódico *A pacotilha*, crítica ao *Mulato*, assinada por Joaquim Serra, da qual segue-se pequeno trecho:

O horror de que sempre se apodera o romancista maranhense quando fala na escravidão; as satyras com que bloqueia essa instituição; os perigos quo nota na vida privada e social proveniente de tal legado, são títulos de sobra para recomendar o *Mulato*.

Dirão que há exagero no quadro, seja; serão belas palavras de poeta, mas através da ode vê-se a verdade.¹³

Pode-se constatar que a ampla atuação na imprensa maranhense certamente corroborou para a formação de Aluísio Azevedo como escritor, como afirma Josué Montello: “Essa passagem pelo jornalismo tem grande importância no destino do

¹² Capistrano refere-se à novela *Eusébio Macário*, de Camilo Castelo Branco, escrita em 1879.

¹³ Jornal *Pacotilha*, n. 45, 1881.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

escritor: torna-lhe o estilo mais vivo, imprime-lhe maior poder de objetividade e aparalhe as rebarbas adquiridas na leitura dos poetas e prosadores românticos. O jornal acelera a evolução do escritor.”¹⁴

Considerações finais

Na obra *Literatura como missão*, em que Nicolau Sevcenko parte da literatura de Euclides da Cunha e Lima Barreto para traçar um panorama histórico e cultural do Brasil na *Belle Époque*, há significativas reflexões sobre a produção intelectual dos escritores no último quartel do XIX. Segundo ele: “A palavra de ordem da então ‘geração modernista de 1870’ era condenar a sociedade ‘fossilizada’ do Império e pregar as grandes reformas redentoras: ‘a abolição’, ‘a república’, a ‘democracia’. O engajamento se torna a condição ética do homem de letras.” (2003, p. 97)

Como vimos, Aluísio Azevedo integrava esse grupo de escritores e, por meio do texto ficcional ou jornalístico, defendia ideias abolicionistas, liberais e republicanas. Todavia, segundo o historiador, foi justamente essa predisposição temática e política, assumida por esses pensadores e artistas brasileiros, que permitiu o florescimento de “um ilimitado utilitarismo intelectual tendente ao paroxismo de só atribuir validade às formas de criação e reprodução cultural que se instrumentalizassem como fatores de mudança social”. (2003, p. 97) Para alcançar essa meta, a cultura europeia gozava da vantagem de ser o único padrão de pensamento que tinha validade como modelo para iniciativas de modernização de sociedades tradicionais, como era então o caso da brasileira naquele momento.

Ainda segundo Nicolau Sevcenko, para intelectuais como Tobias Barreto e Joaquim Nabuco, em uma situação reduzida ao servilismo político, como no caso do Brasil, era preciso “construir a nação e remodelar o Estado, ou seja, modernizar a estrutura social e política do país”. (2003, p. 103). Logo, foram esses os parâmetros que pautaram a produção intelectual do período.

Fato é que, apesar do esforço dos escritores e intelectuais da chamada geração de 1870, as grandes reformas por eles idealizadas passaram ao largo de seus objetivos. As palavras de ordem daqueles que se consideravam “os mosqueteiros intelectuais”, em prol das grandes reformas, como abolição, república, democracia e reforma social

¹⁴ Apud. MENEZES, Raimundo de. *Aluísio Azevedo, uma vida de romance*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958, p. 99.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

perderam o sentido com o advento da Abolição (1888) e da Proclamação da República (1889), resultando em uma experiência traumática para grande maioria deles.

Diante desse panorama desastroso, não é difícil entender por que, de “mosqueteiros intelectuais”, esses homens de letras, da geração de 1870, passaram à trágica situação de “paladinos malogrados”:

[...] dotados de um equipamento intelectual que era ele próprio fruto da situação de crise que viviam, dificilmente esses intelectuais poderiam aquietar as perplexidades que os enleavam. Muito menos ainda puderam ser aceitos como líderes e condutores da nação no sentido das reformas que propalavam. Daí o destino particularmente trágico de paladinos malogrados que a história lhes reservou (SEVCENKO 2003, p. 107)

A impressão de Aluísio Azevedo, poucos anos depois da Proclamação da República, comprova este desalento, pelo menos é o que nos deixa perceber neste depoimento, escrito em 1893:

Depois da bancarrota, o público brasileiro divide-se apenas em duas ordens; a dos que tudo perderam e a dos que tudo ganharam. Os primeiros choram de fome, e os segundos tremem de medo pela sua riqueza mal adquirida. Uns se escondem para ocultar a miséria; outros para fugir à justiça... Um belo carnaval! E ninguém lê livros. (HALLEWELL 1985. p. 183)

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Aluísio. *Ficção completa em dois volumes*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2005.
- ABREU, Capistrano. *Ensaio e Estudos. 4.ª série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil: era Realista, era de transição*. 4. ed. revista e ampliada. São Paulo: Global, 1997.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (Sua história)*. São Paulo: Quercus/Edusp, 1985.
- JUNIOR, Araripe. *A obra crítica de Araripe Júnior*. v. 1. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958. p. 75.
- MENEZES, Raimundo de. *Aluísio Azevedo, uma vida de romance*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.
- MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo vida e obra (1857-1913): O verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1988.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MÓNICA, Filomena Maria. Introdução. In: *As farpas: As farpas originias de Eça de Queiroz*. Cascais: Principia, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SODRE, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TÁVORA, Franklin. “Prefácio do autor”. In: *O Cabeleira*. São Paulo: Editora Três, 1973.